

Prestar contas da realidade que há em nós – nas esperanças de hoje

Hermann Brandt

Introdução

“Prestar contas da esperança que há em nós – na realidade de hoje.” Parece que os termos-chaves nesta frase são “esperança” e “realidade”. E parece-me ainda que, normalmente, os entendemos assim: o primeiro termo – esperança – fala daquilo que é cristão; o segundo – realidade –, daquilo que não é cristão, ou seja: mundano, profano, “real”. Sou da opinião que não nos devemos simplesmente entregar a este mecanismo de contrapor esperança “cristã” e realidade “não-cristã”. Devemos, antes, identificar as nossas esperanças humanas, mundanas, presentes em nossa “realidade”. E devemos ao mesmo tempo reconhecer a realidade na qual a fé nos colocou por causa do Evangelho. Quer dizer, quero resistir à tentação de argumentar: a realidade (mundana) é o certo; a esperança (cristã) é o incerto. A partir daí o tema se torna mais complexo, pois implica em duas coisas, pelo menos. Em primeiro lugar, implica na reconsideração da nossa esperança humana e, quem sabe, brasileira. E em segundo, implica numa forte resistência contra o que chamamos de “realidade”, cunhados que somos pelo pensamento positivista; concepção de realidade esta que, conforme Rubem Alves, é caracterizada: 1. pelo dogma da objetividade; 2. pela exclusão de tudo aquilo que não se enquadra no ideal da matemática, e 3. pelo critério de verificação, que não admite nada de novo (1).

1. Qual a esperança que há em nós? – Traços da esperança no Brasil

O homem tem esperança. Melhor: o homem é esperança. Este fato é atestado pela sabedoria de muitos povos. Já em Eclesiastes se afirmava (9,4): “Para o que está entre os vivos há esperança.” O alemão diz: “Es hofft der Mensch, solang er lebt”. Identicamente, expressa-se o brasileiro: “Enquanto há vida, há esperança”; ou

ainda: “A esperança é a última que morre.” Não precisamos discutir a veracidade destas afirmações: ela é evidente. Nós todos, diariamente, somos testemunhas da esperança que há em nós quando vamos, ao meio dia, buscar o correio; e, se não ganhamos uma carta hoje, então esperamos para amanhã e para depois de amanhã...

A esperança, pois, é, sem dúvida alguma, um dado antropológico universal: ela caracteriza o homem tal como ele é. Mesmo assim é legítimo e importante perguntar se é possível identificarmos traços **específicos** da esperança brasileira. E aqui gostaria de fazer, inicialmente, uma observação filológica: O brasileiro emprega o verbo “esperar” muitas vezes com acusativo ou sem objeto, intransitivamente, isto é, no sentido do verbo alemão “warten”: “espera um pouquinho”, ou: “sala de espera”. A gente espera na fila do INPS. – Com isto todo o conceito de “esperar” já muda de figura. (Não sei se aqui, no Brasil, Moltmann teria escrito uma “Teologia da Esperança”.) Pois esperar, neste sentido de sala de espera ou esperar na fila, é, aparentemente, algo bem diferente do que querem expressar os termos para esperar ou esperança no Antigo e Novo Testamento. Estes, ao contrário do termo “warten”, tem, só para dizer isto, um cunho positivo: esperar-se o bem, o *shalom*, a salvação, o Reino de Deus, a justiça, a vida, etc. Enquanto que a esperança brasileira, da qual falei, é negativa, ela vive na ausência daquilo que se “espera”.

Vou dar agora um exemplo conhecido, provavelmente, para todo o mundo, mas que para mim abriu os olhos para esta característica brasileira, ou seja: a canção “Pedro Pedreiro” de Chico Buarque de Holanda:

Pedro Pedreiro, penseiro, esperando o trem
 Manhã, parece, carece de esperar também
 Para o bem de quem tem bem,
 De quem não tem vintém.
 Pedro Pedreiro fica assim pensando.
 Assim pensando o tempo passa,
 E a gente vai ficando prá trás.

Esperando, esperando, esperando ...
 Esperando o Sol, esperando o trem,
 Esperando o aumento
 Desde o ano passado “para o mês que vem”.
 Pedro Pedreiro, penseiro, esperando o trem
 Manhã, parece, carece de esperar também
 Para o bem de quem tem bem.
 De quem não tem vintém.

Pedro Pedreiro espera o carnaval
 E a sorte grande num bilhete pela Federal,
 Todo mês esperando, esperando, esperando ...
 Esperando o Sol, esperando o trem,
 Esperando o aumento para o mês que vem ...
 Esperando a festa, esperando a sorte,
 E a mulher de Pedro esperando um filho,
 Prá esperar também.
 Pedro Pedreiro, pensamento, esperando o trem
 Manhã, parece, carece de esperar também
 Para o bem de quem tem bem,
 De quem não tem vintém.

Pedro Pedreiro está esperando a morte,
 Ou esperando o dia de voltar pró Norte.
 Pedro não sabe, mas talvez, no fundo
 Espere alguma coisa mais linda que o mundo,
 Maior do que o mar.
 Mas prá que sonhar, se dá
 Um desespero de esperar demais?
 Pedro Pedreiro quer voltar atrás,
 Quer ser pedreiro, pobre, e nada mais,
 Sem ficar esperando, esperando, esperando ...
 Esperando o Sol, esperando o trem,
 Esperando o aumento para o mês que vem;
 Esperando um filho prá esperar também;
 Esperando a festa, esperando a sorte,
 Esperando a morte, esperando o Norte,
 Esperando o dia de esperar ninguém,
 Esperando, enfim, nada mais além
 Da esperança aflita, bendita, infinita
 Do apito de um trem...

Pedro Pedreiro, pensamento, esperando o trem
 Que já vem, que já vem, que já vem ...

“Esperando, enfim, nada mais além / Da esperança aflita, bendita, infinita” – esta esperança do Pedro Pedreiro, de inúmeros outros “Pedros” neste país, é um reflexo. É um reflexo da realidade. É um reflexo da “Realidade Brasileira”. Esta realidade que fez da esperança exatamente esta atitude de impotência: onde não resta mais nada senão “esperar”. Onde esperar se torna idêntico com “não poder fazer nada”. Onde a realidade não apresenta motivações para aquela esperança no sentido positivo. Esperar se torna, assim, idêntico a “desesperar”, ao “desespero”, por causa da impotência,

da dependência dos “senhores”, dos que têm a influência e o poder, o dinheiro e a inteligência que pode usar e abusar de tudo isto. Agora, depois de ter sublinhado este traço, ao meu ver, característico da esperança no Brasil, ou seja: esperar como atitude de des-espero, do estar entregue sem poder mudar tal situação, acho que dá para especificar ainda um pouco mais. Não posso trazer algo completo, mas gostaria de mencionar quatro traços que, todos eles, interpretam e marcam diversos aspectos deste esperarei-desesperar que há pouco lhes mencionei. Vou ilustrar estes quatro traços por meio da peça “Gota d’Água” de Chico Buarque e Paulo Pontes, este último recentemente falecido (2).

1. No esperar revela-se o cansaço do povo brasileiro.

Creonte: Vou lhe dizer o que é o brasileiro:

Alma de marginal, fora-da-lei,
à beira-mar deitado, biscateiro,
malandro incurável, folgado paca;
vê uma placa assim: “não cuspa no chão” –
brasileiro pega e cospe na placa.
Isto é qué brasileiro, seu Jasão...

Jasão: Não, ele não é isso, seu Creonte.
O que tem aí de pedra e cimento,
Estrada de asfalto, automóvel, ponte,
viaduto, prédio de apartamento,
foi ele quem fez, ficando co’a sobra;
E enquanto fazia, estava calado,
paciente. Agora, quando ele cobra
é porque já está mais do que esfolado
de tanto esperar o trem. Que não vem...
Brasileiro ...

Creonte: ... É mais um debochado ...

Jasão: Hein?

Creonte: E é ingrato ...

Jasão: Não, é cansado ... (3)

2. A esperança nutre-se da expectativa de, uma vez, poder vingar-se.

Joana: Me escuta, por favor,
comadre Corina, haja o que houver,
você vai me prometer ...

Corina: Pelo amor
de Deus, ó Joana, não perca a esperança ...

Joana: Não perco, não perco, pode deixar;
eu só espero o dia da vingança –
quer esperança maior prá esperar? (4)

3. A fomentação da esperança como meio dos poderosos manterem a situação e de tirar dela os seus lucros. É, ao meu ver, o traço mais horrível – este jogo sadista que faz das esperanças da gente um **negócio**.

Jasão: Não fique pensando que o povo é nada,
carneiro, boiada, débil mental,
prá lhe entregar tudo de mão beijada
Quer o que? Tirar doce de criança?
Não. Tem que produzir uma esperança
De vez em quando prá a coisa acalmar
e poder começar tudo de novo.
Então, é como planta, o povo,
prá poder colher, tem que semear.

Chegou a hora de regar um pouco,
Ele já não lhe deu tanto? Em ações,
prédios, garagens, carros, caminhões,
até usinas, negócios de louco...
Pois então? Precisa saber dosar
os limites exatos da energia;
Porque sem amanhã, sem alegria,
um dia a pimenteira vai secar
Em vez de defrontar Egeu no peito,
baixe os lucros um pouco e vá com jeito,
bote um telefone, arrume uns espaços
prás crianças poderem tomar sol.
Construa um estádio de futebol,
pinte o prédio, está caindo aos pedaços.
Não fique esperando que o desgraçado
que chega morto em casa do trabalho,
morto, sim, vá ficar preocupado
em fazer benfeitoria, caralho!
Com os seus ganhos, o senhor é que tem
que separar uma parte e fazer
melhorias. Não precisa também
ser o Palácio da Alvorada, ser
páreo pr'uma das sete maravilhas
do mundo. Encha a fachada de pastilhas
que eles já acham bom. Ao terminar,
reúna com todos, sem exceção
e diga: ninguém tem mais prestação
atrasada. Vamos arredondar
as contas e começar a contar
só a partir de agora... (5)

E depois:

Jasão: O senhor vai tomando
Essas providências que reacende
a chama. Vai ver que o trabalho rende
mais, daí eles ganham confiança,
alimentam uma nova esperança,
o moral se eleva, a tensão relaxa...
Ai é que o senhor aumenta a taxa.
Com as melhorias eles vão ter
energias bastante prá mais dez
anos: Dez anos passam sem doer,
sem jogar pedra e sem bater os pés.
Em um ano só, um ano de aumento
na taxa, o senhor vai buscar, com sobras
o dinheiro gasto no empreendimento:
no telefone, no jardim, nas obras,
no perdão às prestações em atraso...
Agora, se quiser ver, por acaso,
quem ganhou nesta simples transação,
é só contar. Eles lhe dão dez anos,
o senhor dá um só pelos meus planos...
Fica com nove, a parte do leão (6).

A peça mostra depois, com que sucesso Creonte aplica esta receita:
op cit. pp 134 ss.

4. E, finalmente, como consequência desta manipulação da esperança: a esperança pela morte, pelo "descanso", pois "lá ninguém espera".

Joana: Meus filhos, mamãe queria
dizer uma coisa a vocês. Chegou a hora
de descansar. Fiquem perto de mim
que nós três juntinhos, vamos embora,
prum lugar que parece que é assim:
e um campo muito macio e suave,
tem jogo de bola e confeitaria.
Tem circo, música, tem muita ave
e tem aniversário todo dia.
Lá ninguém briga, lá ninguém espera,
ninguém empurra ninguém, meus amores.
Não chove nunca, é sempre primavera.
A gente deita em beliche de flores,
mas não dorme, fica olhando as estrelas.
Ninguém fica sozinho. Lá não dói,

lá ninguém vai nunca embora. As janelas
vivem cheias de gente dizendo ói.
Não tem susto, é tudo bem devagar.
E a gente fica lá tomando sol.
Tem sempre um cheirinho de éter no ar,
a infância perpetuada em formol.

E então Joana envenena os seus dois filhos e a si mesma. Fracassou também a sua última esperança, ou seja, de assassinar o Creonte, o seu marido e a noiva dele, filha de Creonte. Mesmo assim, a sua morte e a dos filhos, não é para ela sem sentido. Morrendo, ela invoca seu 'Pai'. E transfere a sua agonia àqueles que não conseguiu matar. Eis as últimas palavras de Joana:

(dá um bolinho e põe guaraná na boca dos filhos)
A Creonte, à filha, a Jasão e companhia
vou deixar esse presente de casamento:
Eu transfiro prá vocês a nossa agonia,
Porque, meu Pai, eu compreendi que o sofrimento
de conviver com a tragédia todo dia
é pior que a morte por envenenamento (7).

Vimos: a morte é melhor do que o perpétuo esperar. A morte contém e apresenta o único sentido que restou, nesta realidade. Se é verdade que a esperança é um reflexo da realidade, então a conclusão é simplesmente: a realidade – esta realidade – é uma realidade mortal, pois é ela que faz com que a gente coloca a sua última esperança na morte. Morrer é melhor do que continuar vivendo assim. Eis a realidade mortífera e a esperança correspondente.

Será que agora logo vamos falar em termos festivos da esperança cristã? Será que podemos fazê-lo? Será que podemos passar por cima de tudo que ouvimos? Eu não posso. Ouço, antes, nas colocações feitas até agora, uma pergunta à nossa fé, à nossa teologia, à história da Igreja cristã, no que diz respeito à maneira em que expressaram a esperança cristã.

2. A esperança brasileira como crítica da esperança "cristã"

(a) Será que a Igreja à qual pertencemos nunca cansou os homens, representando o Evangelho como se fosse um trem que já vem, que já vem... Como se tivesse nunca chegado? Cito, como exemplo para esta tendência, uma canção recente, que foi cantada no último Concílio Regional da 1ª Região (1977):

Vem, Senhor

Refrão: Vem, Senhor!
Vem, Senhor!
Vem libertar o teu povo!

- | | |
|---|---|
| <p>1. Apesar da fome aguda
e da sorte que não muda,
sem casa prá morar
e sem onde se empregar –
este povo ainda
espera a tua vinda! (bis)</p> | <p>2. Apesar de deprimido
por lutar sem ver sentido,
fazer sem ter querido,
por morrer sem ter vivido –
este povo ainda
espera a tua vinda! (bis)</p> |
| <p>3. Apesar do ateísmo
e das marcas de egoísmo,
da cobiça e da ambição
e de tanta solidão –
este povo ainda
espera a tua vinda! (bis)</p> | |

(b) Não é assim que se nutriu, e ainda se nutre em nosso meio cristão uma esperança cristã que espera a vingança? Vingança, pelo menos no além (mas nem sempre) contra os perseguidores, os ateus, os pecadores, os opressores, os hereges. Será que nosso pensar sobre a “condenação eterna”, sobre o inferno, nunca adquiriu dimensões de uma perseguição, de uma inquisição, por parte dos justos, ou até dos justificados? “É certo, que, no inferno, não há ateístas, porque os condenados de fato experimentaram Deus como juiz justo” afirma uma dogmática luterana (8), baseando-se para tal afirmação, e com plena razão, no testemunho bíblico. Temos já no Novo Testamento, para agora não falar do Antigo, exemplos do fato de que os fiéis se “edificam” na maneira como os condenados “experimentarão” Deus, ou seja, sofrendo “tortura” eterna (*kolasis*, Mt 25, 46; *idem basanos* em Lc 16, 23). E o Apocalipse até apresenta o próprio Cristo, “o Cordeiro”, como presenciando a tortura (*basanismos*) daqueles que adoraram a besta: Ap 14, 9-11, cf 9, 5.

Como se nunca alguém tivesse dito (e não só dito): “Amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem”...

(c) Será que nunca se usou, por parte de cristãos, a própria esperança cristã para explorar e tranquilizar os miseráveis? Explorar: Sabemos da história da Reforma, como a Igreja se serviu da esperança, ou seja: do medo das punições infernais, para fins de negócio. E será que este traço da História Eclesiástica do século XVI

está completamente ausente na religiosidade atual? Tranqüilizar: Não se canta e se ensina que o mundo é e tem que ser um “vale de lágrimas”? Como se fosse isto a coisa mais natural do mundo, criado, aliás, por Deus! Não é assim que muitos cristãos que pintam preto o mundo apontam para uma esperança cristã bem diferente, mas dando a conhecer, ao mesmo tempo, que o “mundo” é como é, deve ser como é, e por isso, nada se deve mudar, a partir da fé, em termos de estruturas políticas, econômicas, sociais? Afirma-se, mui apaixonadamente: primeiro mudar o homem, então podem-se mudar as estruturas. Mas se o homem é ensinado que receberá o que espera só depois, não precisa mudar nada nesta terra; pode deixar, tranqüilamente, tudo como está. O mundo que se dane...

(d) Quem discordar do cabimento destas perguntas feitas a partir da esperança brasileira ao endereço da Igreja e teologia cristãs, quanto a seu testemunho da esperança “cristã”, ele vai, possivelmente, concordar em relação com o último dos quatro pontos.

Espera-se, também na fé cristã, muitas vezes a morte como entrada no descanso eterno. Num mundo lindo, onde não haverá mais aflição, sede e fome, injustiça, dor e lágrimas, mas sim beleza, júbilo, fartura e abundância, paz e harmonia. Tirando do monólogo final da Joana o fim condenável, no qual assassina os filhos e a si mesma, isto é, ficando com a descrição daquele lindo lugar, onde sempre haverá festa e flores — não é isso também a esperança cristã?

Fato é que assim ela foi e é “pintada”, no sentido literal e no sentido figurativo. Cito do hinário da IECLB o nº 196,3, ou seja, um hino escrito em 1697:

Confia, ó alma: a hora vem chegando,
irás com Cristo, o teu Senhor, morar.
Sem dor nem mágoas gozarás, cantando,
as alegrias do celeste lar;
descansa, ó alma: agora há pranto e dor,
depois, o gozo, a paz, o céu de amor!

Semelhantemente, canta-se hoje no Brasil:

Procurando em vão o caminho ao Senhor,
Só encontro tristezas, amargura e dor.
Não há só uma viv'alma para reflorescer
Este mun'pecador que irá morrer.
Olho em volta e só vejo uma flor,
Morrendo de sede numa terra sem amor;
Árvores destruídas que não irão mais brotar,
Apenas pedra e areia em seu lugar —
Um mundo sem perdão, sem amor, sem compreensão.
Um dia vai empobrecer, para depois morrer.

No fim do caminho eu encontro a paz:
 A um mun'diferente o Senhor me traz.
 Um descanso eterno irei encontrar.
 Na história eu fico sem poder voltar (9).

3. A esperança "cristã" como reflexo e transcendência religiosa da realidade

Não precisamos de mais exemplos para o fato de que também a esperança "cristã" – essa terceira na "trindade" de fé, amor, esperança – se nutre, se concretiza nos anseios, nas saudades, nos desejos da nossa realidade e deles se deriva, seja essa realidade vista sob perspectiva individual ou social.

Vejamos a perspectiva individual: Melanchton esperava na beira da sua morte: ser libertado da "raiva dos teólogos" – um desejo bem característico da sua personalidade, como sabemos. Ou então a perspectiva social: espera-se novos céus e uma nova terra, cf 1 Pe 3, 13. Não é por acaso que esse versículo assumiu um papel tão importante exatamente na América Latina e em outros contextos, onde, para muitos, não dá mais para agüentar o estado das coisas.

Não vou mencionar mais exemplos. Venho logo com a conclusão: Também a assim chamada esperança cristã parte da nossa realidade. A esperança cristã pode simplesmente significar o prolongamento, depois da morte, na vida "eterna", da situação presente, especialmente quando esta for agradável. Ela pode visar o cumprimento daqueles desejos que não são possíveis de realizar na vida. Então a esperança torna-se um ideal de contraste com a realidade, como vimos. Seja como for, a esperança cristã transcende a realidade dada, isto sim, mas para poder transcendê-la, também ela tem que pressupor esta realidade e é, neste ponto, presa a ela.

Onde isto acontecer nas expressões da esperança cristã, elas confirmam o dito do "Pai da Igreja" não batizado que foi Ernst Bloch, o qual constata: "Onde está a esperança, aí está a religião" (em Alves o. c. pág. 148). Religião como produto das esperanças que despontam da realidade; esperanças que levam a uma expressão religiosa, isso é, que transcendem a realidade. Assim, a religião de fato, nas suas esperanças, testemunha a imaginação humana que transcende a realidade, como o quer R. Alves. O ato da imaginação religiosa necessariamente a pressupõe; desponta da própria realidade. E isto não só vale para os tipos de esperança religiosa que prolongam, que confirmam a realidade como está, mas sim, também, para as esperanças que a criticam; às vezes, parece,

não nos damos conta deste valor “produtivo” da realidade bruta, também para a esperança que rejeita a realidade pela qual foi produzida. É pressuposta esta realidade tanto para uma esperança que espera a salvação individual ou social só depois da morte, deixando no mundo tudo como está, quanto para uma esperança que, a partir da solidariedade com os oprimidos, espera já no aquém e, por isso, luta por uma nova terra. (Parece que os “novos céus” não são muito bem-quistos, nesta última concepção).

Mas seria tudo isto realmente esperança “cristã”? Que ela de fato existe nessas formas é inegável. Então ela é, em princípio, a mesma coisa que o Walhalla dos germanos, a visão mítica dos índios, o Reino do Messias dos Testemunhas de Jeová? Ou seja: nada mais do que uma projeção???

4. O caráter oposicionista da esperança cristã

A esperança cristã como mera projeção (crítica ou acomodadora)? Hesito em dizer sim. Em primeiro lugar, por um pequeno detalhe exegético: o verbo esperar no trecho “esperamos novos céus (plural!) e uma nova terra” não é *elpizein*, mas *prosdokan*, ou seja, estar na expectativa, o que significa, conforme W. Bauer, estar cheio de esperança (positiva), ou estar cheio de medo, ou estar numa atitude neutra diante do futuro. Não se pode, parece, reclamar simplesmente este versículo para a “esperança” cristã. O termo que se usa aqui é outro.

Hesito ainda, percebendo que, para o apóstolo Paulo (Rm 4), Abraão foi justificado pela fé, “esperando contra a esperança”. Esperança cristã aqui é o êxodo daquilo que se pode calcular (e, por conseguinte, projetar!), e este êxodo é motivado pela Palavra (10).

Hesito final e principalmente quando vejo quem é “a Palavra”. “A” Palavra é Jesus Cristo. Jesus Cristo, que era o alvo das esperanças dos seus, dos seus discípulos, de muitos do seu povo, das “multidões” e que era ao mesmo tempo a maior decepção, decepção esta que motivou a sua morte na cruz. Jesus, sendo o alvo das mais quentes esperanças religioso-políticas (entrada triunfal em Jerusalém), este se mostrou como sendo o fim, não só da lei, mas sim destas esperanças nele colocadas. E por isso as esperanças nele colocadas provocaram o fim dele, o executaram (11).

Sou profundamente convicto que, a partir daí, nunca se pode esquecer esta oposição da Palavra de Deus que é Jesus Cristo contra as nossas esperanças. E de fato a teologia e a Igreja cristãs sempre tentaram fazer jus a esta não-identidade entre nossa esperança e a esperança que parte do Evangelho do crucificado e ressurrecto.

Os termos podem ser diferentes. Pode-se expressar a diferença contrapondo, por exemplo o esperar “em”, e o esperar “que” (G. Marcel) (12), ou: as esperanças (humanas) e a esperança (evangélica) (p. ex. R. Bultmann) (13), ou mais recentemente: esperança escatológica, absoluta, e esperança histórica, relativa (W. Kasper) (14).

5. O específico da esperança cristã: nova realidade se fez

O específico da esperança cristã está na sua dimensão **presencial**. Se a minha esperança se refere apenas ao futuro, ou ao além, aquele lugar no qual entro **depois** da morte, então posso ficar com Ernst Bloch; ou seja com os sonhos da humanidade para uma vida melhor. Quer dizer: a esperança cristã revela seu caráter evangélico em poder enfrentar a morte, “en-frentar”, isso é, estando frente à morte, podendo enfrentar a morte já agora.

A Joana, como vimos, também ainda teve uma esperança matando os filhos e a si mesma: a transferência da sua agonia. Uma última e desesperada tentativa de atribuir à morte um sentido. Agora sabe-se que o modelo de Gota d’Água é a clássica tragédia Medéia, uma tragédia grega. A morte como passo para a liberdade, a terra como prisão, a morte como saída — isto é grego, platônico, gnóstico. É uma atribuição de sentido àquilo que não tem sentido (15). Jesus, porém, enfrentou a morte como sem sentido, e assim enfrentou a morte real, a morte na sua negatividade horrível. Na sua morte vemos ambos: a crueldade do inimigo da vida, sem qualquer embelezamento, e a confiança de, mesmo na cruz, ser o Filho amado de seu Pai. Cristo, na sua agonia, no seu gritar, dirige-se ao “seu” Deus, no qual confia (cf **todo** o Sl 22).

Por isso — melhor: por ele — também nós podemos enfrentar este último inimigo. “Amai os vossos inimigos”. Não sei se conseguimos isto em relação à morte (alguns o conseguiram: Fp 1, 23). Mas sei que na morte de Jesus Cristo a morte foi vencida pelo mais forte, que é o amor de Deus. Sabemos que nada — nem o futuro (!), nem o presente (!) — pode separar-nos do amor de Deus, que estava e está em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8).

Não considero evangélico usar casos de morte (de um amigo, por exemplo) para colocar a pergunta: o que Deus ainda tem que fazer para que nós mudemos? Assim explica-se uma morte, na qual não temos culpa, apontando para a situação aqui dentro. Então diz-se, pelo menos implicitamente, que Deus matou alguém para denunciar nosso pecado.

Deus falou, isto sim, na morte de Jesus Cristo. Depois, hoje, não fala mais através da morte, a não ser para lembrar-nos de que

nem a morte pode separar-nos do Seu amor. Confesso que sou vulnerável nesta questão, pois tenho um motivo bem pessoal para falar assim. Como vocês sabem, num acidente automobilístico, há dois anos, morreu uma criança inocente, por mim, sem culpa minha. E me fiz, nos meses angustiantes depois do acidente, sempre de novo exatamente esta pergunta: o que Deus quis dizer através desta criança falecida? Que eu tinha culpa, mesmo sendo absolvido pela justiça brasileira? Hoje posso confessar que não.

O que Ele me disse, e continua dizendo, é que esta criança não está separada do Seu amor, por causa de Cristo, como também eu não sou separado do Seu amor. Isto, somente isto, pode ser o conteúdo evangélico da mensagem de um caso de morte.

Podemos dizer isto, não porque nós seríamos heróis frente à morte, mas sim, porque em Cristo o amor de Deus demonstra o seu poder sobre a morte. Confessamos este amor mais forte do que a morte, testemunhando: Cristo realmente (!) ressuscitou. De modo que o amor de Deus se demonstra exatamente no ponto mais baixo, na cruz, "sub contrario".

Esta esperança no amor vivificante não foge do mundo. Paulo, é verdade, também conhecia o desejo de "partir", porém continua dizendo: "Mas por vossa causa é mais necessário permanecer na carne" (Fp 1, 24).

Uma vida a partir da confiança no amor de Deus que tudo providenciará, não está mais presa ao futuro ou a uma utopia que não tem lugar. Uma tal vida não usa-abusa das suas energias, para transcender a realidade agradável ou insustentável. Uma tal vida deixa trazer o amanhã os seus cuidados – no que diz respeito, vejam bem, à própria salvação.

Ora, uma tal vida é o irrompimento de uma outra, de uma nova realidade naquilo que costumamos chamar de realidade (16). Esta não é mais aceita cegamente, fatalisticamente, como se a esperança fosse a variável e a realidade a constante. Ao contrário, a partir da realidade do Evangelho, a partir da esperança evangélica, a nossa realidade se torna variável. Por isso eu inverteria o nosso texto, o nosso tema: Prestar contas da realidade que há em vós – nas esperanças de hoje! Assim fica claro que, a partir da nova realidade, do amor de Deus para conosco, não precisamos mais de esperanças que nos afastam do nosso lugar, nem de testemunhar uma esperança num além desconhecido, mas podemos agora representar o amor de Deus para com os homens.

Disse: representar, não só: falar. Mas sim fazer, também. Como Deus "falou" agindo numa pessoa.

Não posso entrar, agora, mais detalhadamente nas consequências desta libertação das potencialidades normalmente presas

pelo esperar para o agir abnegado do cristão (17). Só menciono, neste contexto, o que J. Moltmann disse aqui há pouco sobre a “dupla fraternidade”: o testemunho da palavra e a solidariedade. Ao meu ver, aliás, este modelo da dupla fraternidade nada mais é do que uma nova conceitualização da concepção de Lutero acerca dos dois regimentos de Deus, aos quais corresponde exatamente esta dupla fraternidade do cristão.

Em todo caso, se representarmos esta fraternidade, este amor de Deus para com o mundo, não vamos perder e nem ter tempo de olhar para o além, de esperar e especular como é que podia ser. Podemos deixar este problema tranqüilamente para Deus; Ele cuidará desta questão. Nem o futuro nos pode separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus. Mais não precisamos. Isto basta.

Mas – basta mesmo? Não seria cruel proibir falar, expressar, cantar que nem o futuro nos separará de Deus? Com isto chegamos à pergunta: Como vamos expressar a esperança cristã que, como vimos, a rigor não é esperança, mas sim confiança incondicional o Evangelho do amor de Deus? Como vamos expressar isto, tendo em vista a grande desconhecida que, ao mesmo tempo, parece ser a coisa mais certa do mundo: a nossa morte?

6. Como expressar a esperança cristã? (O cristão adulto não deixa de ser criança)

Começo com uma frase categórica de Lutero, tomada de uma prédica sobre Gn 1 (WA 12, 444s): “O que é eternidade, não se pode pensar.” E a partir do que foi dito no último parágrafo, poderíamos acrescentar: o cristão que vive confiando no amor de Deus em Cristo, esse nem precisa pensar a eternidade. Não precisa descrever como vai ser, lá, depois. Nem precisa esperar.

Mas como explicar então o fato que o mesmo Lutero que afirma: “Não se pode pensar a eternidade”, escreveu a seguinte carta ao seu filho Joãozinho. Cito apenas algumas frases.

“... Sei de um jardim belo e alegre, no qual andam muitas crianças. Têm vestidos dourados e colhem maçãs bonitas debaixo das árvores, como também cerejas e ameixas: cantam, brincam e são alegres. Tem cavalinhos com freios de ouro e sela de prata. Então ele respondeu: São as crianças que gostam de orar, estudar, etc.” (18).

Acno que não é por acaso que Lutero dirigiu-se assim ao seu filhinho. Com criança fala-se assim sobre a vida depois da morte. Não é por acaso que também a Joana inventa um quadro semelhante daquele lugar – para seus filhos pequenos.

Agora todos nós ainda somos bastante crianças no que diz respeito à nossa esperança cristã: ela se expressa com as imagens e imaginações das nossas esperanças humanas. Importa, pois, tornar-se adulto. “Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino” – podemos acrescentar: esperava como menino! – Quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino” (1 Co 13, 11). Este versículo sobre o cristão adulto, porém, é “enquadrado” pelas afirmações nos vss. 10 e 12, isso é, o apóstolo fala do fato que o cristão no mundo vive na fé, no crer, e ainda não no ver. Ou seja: todo cristão adulto, maduro, nunca deixa de ser criança, enquanto vive na terra. E como tal, ele continua usando aquelas imagens sobre a vida pós-mortal, tiradas da esperança humana, para expressar a sua esperança incondicional no amor divino.

Como então identificar aquela maturidade da esperança cristã? Ela é madura, se o seu cerne não é algo diferente do que já podemos experimentar agora, nesta vida. O arrabôn, as primícias que, na fé, já possuímos agora, ou seja: o amor de Deus para conosco, não é a garantia para outra coisa, mas sim para aquele mesmo amor que está aí. Por isto a esperança cristã não espera algo totalmente diferente do amor de Deus – como poderia! E se ela espera a plenitude, ela não quer dizer que o amor de Deus agora ainda estaria restrito. Como ele ainda poderia ser restrito, se Ele não poupou o próprio Filho de Deus para que nós tivéssemos a vida? (Jo 3, 16; Rm 8, 32).

Não, não o amor de Deus é restrito ou carece ainda do seu cumprimento, mas o nosso “conhecer”. Talvez aconteçam raras experiências, excepcionais e extáticas, nas quais “vemos”, sentimos o céu na terra. Mas, normalmente, o nosso esperar está sempre se desviando da presença do amor de Deus, fixando-se num futuro que imaginamos e projetamos conforme os nossos desejos.

Podemos colocar agora dois critérios para responder à pergunta feita:

1. Quem entendeu e experimentou o amor de Deus, quem confia na onipotência deste amor, este não mais precisa “esperar”. Nisto reside a maturidade da fé, ou seja: da esperança cristã.
2. Mas mesmo sendo maduros, permanecemos homens, e como tais, permanecemos crianças, precisando de imagens para expressar a nossa fé, imagens também do futuro.

Mas o importante agora é: o que prevalece, a maturidade do cristão, ou sua qualidade de criança? Falei em “prevalecer”, não em excluir. Penso que a resposta é clara.

Quando Jesus diz (Mc 10, 15): “Quem não receber o Reino como uma criança”, Ele aponta exatamente à confiança incondicio-

nal (“maturidade”) e não à necessidade de especular acerca da vida pós-mortal (“criancice”).

Mas, qual a consequência? Como se verifica o prevalecer da fé sobre as expressões humanas da esperança cristã?

Diria que o critério é se as nossas expressões da esperança ocultam ou não o amor presente de Deus a nós. Se ou não as expressões da nossa esperança testemunham a plenitude do amor divino já agora, mesmo falando em coisas futuras. Se o “nada” em Rm 8, 38s (“nada nos pode separar...”) expressa o “tudo” que é nosso: vida, morte, o presente, o futuro (Rm 8, 32 e 1 Co 3, 21 ss). Se a nossa esperança enche a nossa vida hoje, em vez de colocar-nos daqui para um outro lugar. Neste sentido entendo a “definição” da fé em Hb 11, 1: “A fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.” Topamo-nos aqui mais uma vez com o caráter principalmente presencial da esperança cristã. Só posso dizer “espero” na forma gramatical do presente. Dizer “esperarei” ou “vou esperar”, não condiz com a fé cristã e com a sua esperança.

Como entender isto pratica e concretamente? Vou dar três exemplos.

7. Aplicações de critérios – três exemplos

(a) É o seguinte o teor de uma canção do colega Jaci Maraschin, intitulado “A esperança da vinda de Cristo”:

- | | |
|---|--|
| <p>1. Esperamos que tu venhas
como o vento,
nesta hora de ansiedade,
e que tenhas
no momento
o sinal da novidade.</p> | <p>2. Esperamos que tu digas
com clareza
a esta pobre humanidade,
tão antigas
de beleza,
as palavras da verdade.</p> |
| <p>3. Esperamos que tu vejas
nestes dias
a experiência da amizade
e que sejas
alegrias
numa nova sociedade.</p> | <p>4. Esperamos que tu venhas
bem depressa,
destruindo a falsidade,
e que as senhas
da promessa
sejam mãos de liberdade.</p> |

Nesta canção, apesar do seu título, transparece a presença de Cristo, suas palavras, sua “promessa”. Não fala nada do além, não fala da “segunda” vinda de Cristo. Mas expressa as perspectivas da fé neste Cristo agora: Novidade, Verdade, Alegria, numa nova sociedade, liberdade. O “esperar” nesta canção deixou de ser

aquele estar na mera expectativa, mas adquiriu um cunho de “confiar”, “ter certeza”. Testemunha assim a presencialidade da esperança cristã. Pois espera-se a vinda do Cristo que veio. Nada se diz, nada precisa-se dizer acerca da esperança que se refere ao estado pós-mortal.

Mas será proibido dizer algo sobre o que “vem depois”? Não! A esperança cristã não cala simplesmente em relação a isto. Vejamos.

(b) Facilmente chora-se na beira de um túmulo. Isto, porém, dificilmente acontece, quando se trata de um túmulo de alguém que já morreu há mais de cem anos. Todavia foi isto que aconteceu comigo quando visitei a sepultura de Soren Kierkegaard em Copenhague.

Era um dia lindo de sol, no verão, e o túmulo estava cheio de rosas amarelas. Um túmulo de alguém que tinha sofrido por causa da sua Igreja, que procurava o cristianismo verdadeiro numa cristandade deturpada; que, conseqüentemente, não aceitara, na iminência de sua morte, a Santa Ceia das mãos de um pastor; e que tinha escolhido como inscrição para o seu túmulo uma estrofe de um hino do hinário da Igreja que combatia. E assim li esta inscrição que em português diz o seguinte:

Só um pequeno tempo
então terei vencido;
então toda a luta
desaparece numa só vez;
então posso ficar
na sala de rosas
e sem cessar
com Jesus falar (18).

Temos, nesta estrofe, muitos elementos tradicionais, usados para expressar a esperança cristã. O “então”, a saudade pelo fim da luta, a imaginação da beleza no céu – sala de rosas. Tudo isto, porém, apenas é um vestido poético, como também as rosas no sepulcro eram um vestido, um vestido do cerne: o falar com Jesus. Também aqui fica claro a presencialidade da esperança cristã: Kierkegaard espera, a partir da comunhão com o Salvador, na qual viveu, na qual morreu, na qual agora está abrigado. Não esperou outra coisa, não esperou uma sala de rosas. Mas sim o falar com aquele que já falou primeiro, e com quem, por isso, pôde falar já, no meio da luta. Assim as “rosas” não substituem ou põem de lado tal comunhão. Mas esta comunhão é tão plena que até as rosas, plantas que murcham logo sob o impacto do vento quente, servem como sinal para a comunhão entre Deus e nós, comunhão que a

morte não pode destruir, comunhão que não murcha nos ventos do deserto. Assim eu, pelo menos, entendi a mensagem daquelas rosas no antigo cemitério de Copenhague.

(c) Último exemplo: o conhecido "Jerusalém, cidade do Senhor" (J. M. Meyfart, 1626). Especialmente quando olhamos no texto original (vide hinário da IECLB, 232), verificamos logo todo um conjunto das mais diversas expressões de esperança. Vamos, por enquanto, desprezar os elementos cristãos, ou seja, as mãos fiéis de Deus e o penhor escolhido. O que resta? 1. Resta a idéia religiosa primitiva de que, na morte, a alma do homem voa embora como uma ave. 2. A concepção do navio das almas é conhecida da religião egípcia. O faraó morto anda neste navio, atravessando as doze constelações do zodíaco, para a terra dos deuses. Escavou-se, perto de uma pirâmide, um modelo deste avião-navio. 3. A imagem de uma ascensão do homem para o céu num carro ou algo semelhante achamos também no Antigo Testamento (2 Rs 2, 11, veja Gn 28, 12 (E) – o motivo da escada para o céu vem igualmente do Egito). 4. Finalmente é evidente que o poeta do hino vê o alvo, para o qual a alma vai depois da morte no céu altíssimo, além das estrelas, naquela Jerusalém que não está na Terra, mas sim além do mundo, nas alturas: "E, sobre vales, montes, se eleva sem cessar / além dos horizontes, e o mundo há de deixar."

Como disse, um conjunto de antigas lembranças míticas, e dentro destas, as duas expressões da fé cristã: As mãos fiéis de Deus, símbolo do seu amor onipotente; ninguém poderá tirar-nos dessas mãos. E o ser escolhido da alma, que aponta para a graça imerecida da predestinação que nos salva. Ambos estes elementos novamente testemunham o caráter presente da esperança cristã. Pois um coração que crê neste amor de Deus que é mais forte do que a morte, este coração se torna igualmente mais forte do que a morte. Entregou-se ao Pai. Nesta entrega o Eterno já está presente. Isto é o cerne também aqui.

Entretanto, todas as imagens e fantasias que nós e os hinos usam para descrever a vida eterna, elas não fazem jus, elas não captam o mistério da nossa consumação através e apesar da morte. Por outro lado, não são meramente sonhos sem fundamento. São, isto sim, um balbuciar daquilo que "nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais entrou em coração humano" (Is 64, 6; 1 Co 2, 9).

Obtenho assim três camadas na expressão da esperança cristã no que diz respeito à pergunta: como será depois? E acho que o que segue pode ser aplicado em termos gerais à pergunta pela relação entre esperança cristã e humana.

(a) A primeira camada é uma descrição mítica que se fixa em

coisas objetivas: cidade, lugar de rosas ou de brinquedos, aniversário, banquete, etc. Ainda não fica claro, nesta altura, que tudo isso é algo figurativo. Por outro lado, não se pode duvidar que quem crê e espera nestes objetos, crê em mais do que meramente fantasias.

(b) Na segunda camada torna-se consciente que todas as imagens que se usam são símbolos, de modo que nesta camada a esperança cristã faz uma diferenciação clara (inexistente em a) entre a expressão humana-relativa e o principal: a fé no amor de Deus, da qual nem a morte é capaz de nos separar. Aqui dá-se conta que o Eterno, em última análise, é inexpressável, inconcebível para nossa mente, presa às categorias de tempo e espaço. Quer dizer: falamos sobre o que vai ser depois, dizemos que Deus enxugará todas as lágrimas, conscientizados de que todo nosso falar não deixa de ser impróprio. A gente fala, canta, e ao mesmo tempo revoga o que disse. Só não revoga o cerne!

(c) Por causa do poder do amor de Deus que nos acolhe, pertencemos já a Ele, na fé. Por causa deste amor, que é mais forte do que a própria morte, estamos já agora além da morte.

Somente a partir desta terceira perspectiva é possível usar as outras duas na "descrição" e no testemunho acerca da esperança cristã. Só quando esta terceira está em vigor, podemos usar tais expressões objetivantes e míticas, só a partir daí também elas ganham a autoridade de falar-nos sobre a vida eterna, assim como aconteceu comigo com as rosas na sepultura de Kierkegaard.

8. A presença da nova realidade

Falar sobre a esperança cristã separadamente desta terceira dimensão central da fé, isto leva à absolutização e à objetivação daquelas imagens e fantasias sobre o céu. Onde não se consegue mostrar que o cristão vive no "céu" já na terra, corrobora-se, involuntariamente talvez, a fundamentação de uma idéia do céu onde não está mais no centro o amor de Deus para conosco que enfrenta a morte, mas sim um céu cheio de muitas outras coisas, um céu que, como sabemos, serve então a rigor somente para piadas.

E, vice-versa, falar sobre o amor de Deus, abstando-se da tentativa de expressá-lo em figuras impróprias, mas que tentam dizer o que significa este amor em relação ao "depois" – isto leva à desistência, à capitulação teológica frente a esta pergunta premente de nós homens. Noto um certo medo de testemunhar com palavras humanas o poder de Deus que não acaba depois da morte. Polemiza-se, por exemplo, contra a figura da imortalidade da alma, não querendo dizer nada sobre o além. Cimentam-se assim os limites da nossa realidade, também para o próprio Deus. E entrega-

se, pois, todo este campo aos espíritas e todos os outros que sabem responder à pergunta de como vai ser. Mas então não há o que reclamar.

Nestas duas “saídas” acontece a mesma coisa: Parte-se da assim chamada realidade, como se fosse ela a constante. Sacraliza-se tal realidade, que é, no fundo, uma realidade mortífera, na qual o amor é vencido pela morte.

Capitula-se diante dela, ou transferindo-a, prolongando-a simplesmente para o além ou proibindo qualquer afirmação que supera as barreiras da realidade no sentido positivista.

Em contrário, o testemunho do amor de Deus ao mundo, revelado em Jesus Cristo, rompeu com essa realidade: nova coisa – vida se fez. Uma nova realidade está presente, lutando e vencendo a realidade, só presumidamente “real”. O realismo da fé torna-a antiga, passada, e, por isto, questionável. A realidade que confessamos não leva mais à morte, mas sim à vida.

Prestar contas desta nova realidade é o privilégio e a tarefa dos que se chamam de “cristãos”. Não vamos mais ficar esperando, esperando, esperando...

Pois tudo já está preparado. Tudo – já!

1. Veja R. Alves, **O enigma da religião**, págs. 143 ss, e também meu artigo "Por que teologia 'científica'?", em **Estudos Teológicos**, 1972/2, págs. 94ss.
2. 4ª ed. (Rio de Janeiro, 1976 – Civilização Brasileira).
3. O. c., págs. 95s. – Veja também a canção nº 78 do "SIM" (Juventude Evangélica), que diz:

Gente que vive sem saber falar,
 Gente que vive sem saber amar,
 Gente que vive sem saber viver,
 Gente que cansa de esperar em vão –
 Gesto de amor de quem se diz cristão
 E desconhece o seu irmão.
4. *Ibid.*, págs. 84s.
5. *Ibid.*, págs. 102s.
6. *Ibid.*, págs. 104s.
7. *Ibid.*, pág. 167.
8. Pieper, **Christliche Dogmatik**, rev. por J. T. Mueller (St. Louis, Missouri, 1946), pág. 802.
9. Caderno SIM da Juventude Evangélica da IECLB, 3ª ed. (1976), hino 88. O título deste hino é "Esperança".
10. Cf. E. Käsemann, **An die Römer**, ref. a Rm 4, 18.
11. Mais detalhes em minha meditação sobre Mt 21, 1ss, em **Proclamar Libertação**, vol. 3.
12. Cf. meu artigo "Ética e esperança", em **Estudos Teológicos**, 1974/1, págs. 1ss..
13. Em **Theologie des Neuen Testaments** (Berlin, 1959), págs. 320s.
14. "Zukunft Gottes und Geschichte des Menschen, em **Evangelische Kommentare**, 1977, págs. 465ss.
15. Cf. E. Jünger, **Morte** (São Leopoldo, 1977).
16. Cf. o meu livro **O risco do espírito**, págs. 171ss.
17. Cf. a minha meditação sobre Jo 14, 1-12, em **Proclamar Libertação**, vol. 2.
18. Luthers Brief an seinen Sohn Hänschen, WA 5, 577s = BoA 6, 286s; cf. WA TR 3, nº 3777 = BoA 8, pág. 166.